

A multidimensionalidade das teorias da mudança social no Brasil: as interpretações de Celso Furtado, Josué de Castro e Raymundo Faoro

Maria José de Rezende¹

No seu conjunto, as reflexões de Celso Furtado, Josué de Castro e Raimundo Faoro, retrataram a problemática da mudança social em seus múltiplos aspectos e em suas várias dimensionalidades. Compreender tanto os primeiros quanto as segundas constitui-se, então, o norte dessa pesquisa, a qual foi formulada em vista das indagações que emergiram das reflexões oriundas de outros dois projetos já realizados. Estes dois últimos tinham os seguintes títulos: *Mudança social: a construção de um ideário conservador no processo de desenvolvimento da reflexão sociológica brasileira (1870-1950)*, iniciado em 1997 e finalizado em abril de 2000 e *Os aspectos múltiplos da mudança social no Brasil: as reflexões de Euclides da Cunha, Manoel Bomfim, Fernando de Azevedo, Gilberto Freyre e Josué de Castro*, iniciado em maio de 2001 e finalizado em outubro de 2004.

Um dos objetivos dessa pesquisa que está sendo desenvolvida na atualidade é o de extrair dos escritos de Celso Furtado, Raymundo Faoro e Josué de Castro as concepções de mudança social desenvolvidas no interior de suas obras, ou seja, a quais perspectivas eles se filiaram, ao longo de suas reflexões? À linear? À multilinear? À diretiva? À cíclica? Seus ideários de mudança eram conservadores ou progressistas? Foram selecionadas as suas produções bibliográficas que respondam, principalmente, a essas questões.

Foram escolhidos esses intérpretes porque eles tiveram um papel importante tanto no plano intelectual quanto no político a partir da década de 1950. Entre as várias análises que floresceram a partir da década de 1950 foram selecionadas três que se ocupavam de aspectos distintos da realidade brasileira apesar de apresentar preocupações com questões semelhantes sob enfoques diferentes e/ou não. A condição de subdesenvolvimento, por exemplo, foi problematizada por Celso Furtado e Josué de Castro sob enfoques diferenciados. São importantes, assim, os tipos de divergências e de convergências que havia entre eles.

Assinale-se que um dos critérios de escolha desses três pensadores foi definido em termos de seus olhares distintos sobre os mesmos aspectos da vida social. No que tange à questão do subdesenvolvimento e do desenvolvimento eles constroem diferentes análises propositivas acerca dos mesmos problemas econômicos, políticos e sociais. Tem-se verificado que os pensadores trabalhados nessa pesquisa filiavam-se a uma perspectiva política progressista e não a uma perspectiva conservadora.

Um dado a ser destacado é que esses dois sistemas de idéias e de valores (conservadores e progressistas) brotaram e floresceram, no Brasil, da dinamicidade da sociedade e não de sua imobilidade. Eles ganharam forma em razão de um diálogo consistente com as mudanças sociais (abolição do trabalho escravo, proclamação da república, industrialização, urbanização, ampliação do trabalho assalariado, modernização, entre outras) que se efetivaram entre o final do século XIX e meados do século XX.

Tanto as teorias quanto às ações políticas conservadoras e progressistas não se definiram como tais por propor as mesmas soluções para problemas semelhantes, mas sim por apresentar (no caso dos conservadores) ou não (no caso dos progressistas) apego ao imediato, aos dados aparentes da realidade social, aos particularismos e aos detalhamentos ao tratar da realidade social. Os recortes rentes aos elementos isolados que estão em mudança ou poderiam estar e a busca de manutenção do modo de estruturação da sociedade brasileira no que diz respeito a sua organização social e a sua forma de domínio estabeleceram as bases do conservadorismo no país.

A diferença entre esse último e a atitude progressista é substancial, visto que, segundo Mannheim, aquela segunda “não encara apenas o real em termos de suas potencialidades, mas também em termos de um modelo”. A atitude conservadora, “por outro lado, tenta encarar o real como produto de fatores reais; também tenta compreender o modelo em termos do real (...). A primeira atitude significa que sempre se conhecem e se julgam as instituições como um todo, a segunda sempre significa perder-se numa massa de detalhes”² Enquanto o conservador “sempre começa com o caso particular que está à mão e nunca estende seus horizontes além de seus próprios arredores particulares”, pois está “preocupado com a ação imediata, com detalhes concretos em mudança e, portanto, não se

preocupa realmente com a estrutura do mundo em que vive", o progressista "se nutre da sua consciência da possibilidade". A atividade progressista "transcende o presente imediatamente dado utilizando-se das possibilidades de mudança sistemática que ela oferece. Ela luta contra o concreto, não porque quer simplesmente substituí-lo por outra forma de concreto, mas porque quer produzir um outro ponto de partida sistemático para desenvolvimento ulterior"³.

As obras de Celso Furtado, Josué de Castro e Raimundo Faoro estão sendo estudadas com o intuito de buscar as nuances básicas dos ideários progressista no Brasil. As análises feitas por eles são expressões, como afirma Mannheim, de intenções básicas de um certo grupo social.

Ao longo das diversas fases desta pesquisa estão sendo denominados de progressistas todos os intérpretes do Brasil que, grosso modo, recusavam pensar a sociedade e sugerir ações a partir do apego ao imediato, ao passado, aos particularismos e aos detalhamentos. Todos aqueles que pressupunham que a substancialidade da mudança estava fundada em uma reestruturação das relações sociais, econômicas, políticas e culturais de modo a redefinir as condições sociais em vigor estão sendo denominados de progressistas.

Através da caracterização das perspectivas conservadora e progressista busca-se dar maior nitidez às diferentes propostas de ação política em vista das circunstâncias sociais em que os intérpretes do Brasil encontravam-se envolvidos. Investigar as convergências e as divergências no interior desses dois ideários torna-se, assim, uma das essencialidades desta pesquisa que possui também o objetivo de desvendar os diálogos de Celso Furtado, Josué de Castro e Raimundo Faoro com as perspectivas lineares, multilineares, diretivas e cíclicas da mudança social. Isso está sendo feito seguindo, além de outras, as pistas sugeridas por Mannheim em *O pensamento conservador* e por Piotr Sztompka no livro *A sociologia da mudança social*.

A escolha de Celso Furtado⁴, Josué de Castro⁵, e Raimundo Faoro⁶ fundam-se em alguns critérios. Entre eles o mais geral é o da relevância e o da pertinência de suas reflexões acerca dos percalços e/ou (im)possibilidades de mudança nos diversos âmbitos da

vida social. Um outro, mais específico, foi baseado no modo destes intérpretes captar a heterogeneidade do país, na sua extensão e diversidade.

Esclarece-se que a escolha de pensadores tão diversos deve-se, fundamentalmente, ao fato de que, no conjunto, eles recortam a realidade brasileira sob aspectos distintos. A análise das múltiplas dimensões estudadas por eles visa trazer à tona tanto as suas formas distintas de conceber a mudança social quanto os seus modos singulares de eleger determinados aspectos da vida social para elucidar os (des)caminhos da nação a partir de meados do século XX.

Os autores selecionados para esta pesquisa, cada um a seu modo, fornecem subsídios para o mapeamento dos inúmeros fatores que compõem as (im)possibilidades de mudanças sociais no país. As diversidades de suas obras, de suas abordagens e dos problemas levantados por eles elucidam que o “país não só é demasiado extenso e heterogêneo. As diferenças geográficas, econômicas, demográficas, sociais e culturais são significativas até em escala regional, fazendo com que o passado, o presente e o futuro coexistam e se interpenetrem inextricavelmente”⁷.

As reflexões de Josué de Castro, por exemplo, podem ser tomadas como exemplo da ênfase nas especificidades regionais sem, no entanto, desconsiderar a relação entre o regional, o nacional e o internacional. Ele enfatizava em *Geopolítica da fome* e em *Geografia da fome* que não havia possibilidade alguma de introduzir melhoramentos no país sem refletir sobre aqueles três planos.

Os autores pesquisados buscam, então, apreender a diversidade brasileira em termos de problematização das especificidades regionais. Além de outros elementos, a opção por trabalhar as obras de Josué de Castro e de Celso Furtado deve-se, entre outras razões, ao modo deles abordarem as inúmeras nuances econômicas, sociais, políticas e culturais em termos de singularidades construídas regionalmente.

Em vista desses elementos investiga-se em que escala de avanço e/ou de recuo estes pensadores procuravam situar as modificações sociais que estavam ocorrendo na década de 1950 e que esferas eram mais atingidas. Eram as diversas modalidades de

mudanças pensadas de modo singular por cada um deles. Evidenciavam-se, assim, as divergências e as convergências no que diz respeito às questões regionais.

A integração e a conciliação são modalidades de mudanças que eram amplamente debatidas por eles. Mas de que maneira as explicavam? Num plano mais imediato, pode-se dizer que eles as explicavam não só através do sistema de idéias e valores cristalizados na população, mas também na estrutura de poder e de dominação. As diferenças entre as análises desses intérpretes acerca da natureza e do alcance das diversas modalidades de mudança, estão, num primeiro plano, no modo deles lidarem com o passado ao retratarem o presente. Investiga-se, assim, a significação que o passado possuía para cada um deles na explicação das mudanças sociais.

Por que o modo de lidar com o passado é tão importante na análise da mudança social? Antonio Candido fornece as melhores pistas para responder a essa questão quando analisa o pensamento de Manoel Bomfim acerca da persistência de uma mentalidade conservadora no país. Para este último um dos maiores problemas do Brasil e da América Latina é que os vícios do passado são convertidos em tradição⁸ que “plasma o presente como herança funesta, porque implanta automatismos, hábitos, modos de ser dos quais não temos consciência, mas segundo os quais agimos. Nesta herança colonial, o traço mais funesto é ‘um conservantismo, não se pode dizer obstinado, por ser, em grande parte, inconsciente, mas que se pode chamar propriamente - um conservantismo essencial’⁹, mais afetivo que intelectual”¹⁰

Em vista dessas questões levantadas no parágrafo anterior pode-se afirmar que Celso Furtado, Raymundo Faoro e Josué de Castro, apesar das múltiplas diferenças entre eles, fundavam as suas explicações sobre a mudança social em elementos capazes de embasar uma crítica veemente às constantes reafirmações do passado que se processavam no país nos âmbitos econômico, político e social.

Os pensadores sociais brasileiros trabalhados nesta pesquisa supunham que tanto as razões geradoras quanto os motivos explicadores das transformações que se processavam no país, a partir da década de 1950, tinham que ser buscados em diversas dimensões (econômica, política, cultural) da vida social. Ao procurarem as múltiplas causas

das transmutações e dos emperramentos que se operavam na sociedade, esses pensadores forneciam todas as pistas para traçar um painel comparativo entre as diversas explicações dadas por eles para as dificuldades de mudança.

Foram muitos os embates acerca dos caminhos e dos descaminhos da dinâmica social no Brasil. Francisco de Oliveira, por exemplo, afirma que o estudo da obra de Celso Furtado exige um retorno ao diálogo que este último estabeleceu com o pensamento conservador no Brasil, principalmente com as teorizações de Oliveira Vianna e Alberto Torres¹¹. Esclarecer sempre que possível tais conversações entre os intérpretes pesquisados e aqueles que lhes antecederam é um dos principais objetivos dessa pesquisa.

Celso Furtado, Raimundo Faoro e Josué de Castro se situam em áreas diferentes de ação e de reflexão. A análise de suas obras revelará, com certeza, uma multiplicidade de aspectos (políticos, econômicos, sociais e culturais) que se interconectam e deságuam em questionamentos sobre as dificuldades de o país transmutar-se substancialmente.

As ações políticas, técnicas e intelectuais de Celso Furtado diferiam da de Raimundo Faoro que, por sua vez, agia e pensava diferentemente de Josué de Castro e assim por diante. Cada um deles possuía um certo raio de atuação nas esferas políticas, administrativas, intelectuais, etc., a partir das quais eles desenvolviam tanto as suas propostas de mudanças quanto às suas contribuições teóricas acerca da singularidade da sociedade brasileira. Isso não significa que não houvesse diálogos entre eles. Josué de Castro¹², por exemplo, referia-se com frequência a Celso Furtado, este último por sua vez também analisa as ações e as idéias de Castro.

Todos os pensadores estudados desempenharam papéis políticos, técnicos e administrativos importantes em algumas esferas da vida social. Partiu-se do pressuposto de que as formas de pensamento e as de ação complementavam-se no processo de esclarecimento das suas posições acerca dos processos de mudanças sociais por eles vivenciados. Observe-se que eles ocuparam papéis relevantes no âmbito da vida pública no país, como intelectuais, como políticos e/ou como técnicos.

Celso Furtado, por exemplo, construiu uma ampla reflexão sobre o modelo econômico concentracionista da periferia capitalista e, também, sobre a necessidade de

combinar desenvolvimento industrial e distribuição de rendas visando implementar um processo de reversão do alargamento das desigualdades sociais e de eliminação do subdesenvolvimento da América Latina, questões essas que foram analisadas através de um “enfoque dos processos econômicos, no qual se combina uma visão histórica global com um corte sincrônico para o qual se utilizam todos os recursos da análise econômica”¹³ Além dessa fértil reflexão teórica ele também desempenhou papéis técnicos, administrativos e políticos (na Cepal, na Sudene, no ministério do planejamento no início da década de 1960, etc.) de importância ímpar para o país. Suas concepções acerca da mudança social devem ter como ponto de partida o que ele afirmava em *Aventuras de um economista brasileiro*, texto escrito em 1972: “Por que no centro de minhas reflexões estavam problemas reais, a pesquisa econômica foi sempre para mim um meio de preparar a ação, minha ou de outros. Compreender melhor o mundo para agir sobre ele com mais eficácia”¹⁴

As ações políticas e técnicas voltadas para a implementação de medidas que favorecessem a elaboração de projetos voltados para os interesses da nação e dos brasileiros, em geral, e dos excluídos, em particular, eram tidas, por Furtado, como essenciais no processo de constituição de um país modificado em todos os níveis da vida social. Sua atuação como agente ativo de mudança esclarece não apenas as nuances básicas de seu pensamento, mas, também, de sua prática, de seu modo de agir diante dos desafios que se colocavam para ele, cotidianamente, desde o final da década de 1940.

Todos eles abordam, de alguma forma, o nosso padrão de organização social e de domínio como fundamento para pensar as mudanças passadas, presentes e futuras. Raimundo Faoro, por exemplo, tem a intenção de apreender como se movem “a sociedade - a nação - e o Estado ‘em realidades diversas, opostas que mutuamente se desconhecem’”. Dessa cisão deriva a orientação dos nossos legisladores e políticos de teimar em ‘construir a realidade a golpe de leis’”¹⁵.

Registre-se que Raimundo Faoro ocupa uma importante posição entre os intérpretes clássicos do Brasil com a sua obra *Os donos do poder*. Ele possui também uma forte inserção nos debates sobre a política brasileira nas três últimas décadas do século XX valendo-se de uma perspectiva centrada na nossa formação sociocultural e política. Ele traz

para o debate sobre a transição política da década de 80, por exemplo, inúmeras reflexões fundadas nas especificidades históricas do Estado brasileiro.

As reflexões de Faoro se revelam, então, fundamentais para uma pesquisa sobre a multidimensionalidade das teorias de mudança no Brasil, visto que ele elabora uma análise a partir tanto da cultura política quanto do modo de governar cristalizado no país. Ele assinala: “a civilização brasileira, como o personagem de Machado de Assis, chama-se Veleidade, sombra coada entre sombras, ser e não ser, ir e não ir, a indefinição das formas e da vontade criadora”¹⁶.

NOTAS

¹ Professora de Sociologia da UEL. Doutora em Sociologia pela USP.

² MANNHEIM, K. O pensamento conservador. In MARTINS, J. de S. (org) **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo, Hucitec, 1986. P.77-131.

³ Ibid, p.90

⁴ Celso Furtado (1920) graduou-se em Direito e doutorou-se em Economia. Atuou como economista da CEPAL/ONU, a partir de 1949, chefiou o grupo CEPAL-BNDE, foi superintendente da SUDENE, diretor do BNDE, ministro do planejamento no governo João Goulart (1961-1964), ministro da cultura no governo Sarney (1985-1990), além de exercer outras atividades.

⁵ Josué de Castro (1908-1973) formou-se em Medicina, foi professor da Universidade do Distrito Federal e depois na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuou em cargos administrativos ligados ao governo federal na década de 1940. Foi deputado federal pelo estado de Pernambuco em duas legislaturas na década de 1950. Foi presidente da FAO/ONU durante quase uma década.

⁶ Raimundo Faoro é jurista e cientista social. Foi presidente do Conselho Federal da OAB entre 1977 e 1979, entre outras atividades.

⁷ FERNANDES, F. A dinâmica da mudança sociocultural no Brasil. In **Sociedade de classes e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro, Zahar, 1975 p. 94-118.

⁸ RIBEIRO, D. Manoel Bomfim, antropólogo. *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro: Secretaria de Ciência e Cultura, p.48-59, 1984.

⁹ BOMFIM, M. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1993. p.195

¹⁰ CÂNDIDO, A. Radicalismos. *Estudos Avançados*. Revista do IEA/USP, São Paulo, v.4, n.8, p.4-18, jan.abr.1990. p.11

¹¹ OLIVEIRA, F. de. Viagem ao olho do furacão. *Novos Estudos*, n.48, São Paulo, Cebrap, p. 3-19, jul.1997.

¹² CASTRO, J. de. *Geografia da fome*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

¹³ *Ib*, *Sete palmas de terra e um caixão*. São Paulo, Brasiliense, 1967.

¹⁴ FURTADO, C. *Aventuras de um economista brasileiro*. In **Obra autobiográfica**. São Paulo, Paz e Terra, 1997. Tomo II, p.11-26.

¹⁵ Ibid, p.22.

¹⁶ MOTA, Carlos G. Cultura brasileira ou cultura republicana? *Estudos Avançados*, São Paulo, USP, v.4, n.8, p. 19-38, jan.abr.1990. p.23.

¹⁷ FAORO, R. *Os donos do poder*. São Paulo, Globo, 1989. p.98.